



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

RIO BRANCO, AC, 20 DE AGOSTO DE 1999

*Meu caro Governador Jorge Viana; Senhores Ministros de Estado que aqui estão, em minha companhia; Senhor Comandante da Aeronáutica do Brasil; Senhores Senadores; Senadora Marina Silva; Senador Nabor Júnior; Senador Tião Viana; Senhores Deputados Federais; meu amigo Prefeito Mauro Sérgio, da cidade de Rio Branco; Senhores Deputados Estaduais; Senhores Prefeitos, tão numerosos, aqui presentes; autoridades judiciárias e eclesiásticas; Senhoras e Senhores,*

Há 18 anos, um presidente não tinha tido a oportunidade de vir ao Acre. E eu, como disse nesta manhã em Cruzeiro do Sul, tinha um sentimento de culpa para com o Acre. Fui eleito e reeleito Presidente da República pelo povo do Acre e não tinha tido a oportunidade de sequer vir aqui para pedir os votos, nem para agradecer. Não podia deixar, portanto, de vir, com muita emoção, ao Acre. E fiz questão de não estar apenas na capital. Fiz questão de ir a Cruzeiro do Sul, município mais a oeste do Brasil, de ir a Xapuri, para ver as florestas do Acre e a economia extrativista que lá existe e de estar, agora, aqui, em Rio Branco, outra vez.

Volto para Brasília mais do que gratificado. Primeiro, pela calorosa receptividade da população de Cruzeiro do Sul. Agradeço ao Prefeito, que me recebeu, à Deputada Lila, que estava aí presente, e aos Deputados que nos acompanharam. Depois, em Xapuri, em uma conversa amena, em uma conversa franca se vê o quanto a organização das comunidades mais simples, a luta da Senadora Marina, tudo isso resulta na possibilidade de uma melhoria das condições de vida das pessoas, mas, mais importante do que isso, na confiança que cada um tem em si e em ganhar a dimensão de cidadania.

Agora, aqui, em Rio Branco, ouvindo a locutora anunciar esses convênios, vendo tantos Prefeitos assinando atos, vendo o Governador Jorge Viana firmando também uma série de atos, por um lado fiquei muito contente, e por outro entendi por que os presidentes vêm tão pouco ao Acre: porque se dá muito quando se vem. Mas dá-se, realmente, muito pouco, perto do que o Acre merece. É um pequeno gesto, um gesto simbólico apenas.

Não fiz aqui, hoje, Governador, tampouco, nada mais do que dar de uma vez só o que está no Orçamento da República para o Acre neste ano. Tenho a alegria de poder dizer-lhes que, se eu for a cada estado do Brasil, posso repetir uma cerimônia desse tipo. E o povo deste estado vai ver que o Governo Federal está empenhado, efetivamente, em melhorar as condições de vida das populações locais, compartilhar os escassos recursos disponíveis e não se preocupar de saber se, depois, se afixa uma placa com o nome do Governo Federal ou, menos ainda, com o do Presidente, porque a alegria de um presidente, sobretudo se reeleito, não é a de ver seu nome em placas, é de ver o povo feliz. E o povo só é feliz se houver entrosamento.

Disse muito bem o Governador Jorge Viana: o Brasil cansou de ódios desnecessários, de tricas, de futricas, de oposições que não têm sentido, de perseguições por parte dos setores oficiais, que também não têm sentido. Cansou. O Brasil quer ver trabalho. O Brasil quer ver que aqueles que têm a responsabilidade de gerir os destinos da Nação não poupam seus esforços para fazer o que é possível fazer. Isso requer que nós nos entrosemos, os prefeitos, o governador, o Presidente da

República, os ministros, os administradores em geral. E é possível haver entrosamento, a despeito das diferenças partidárias, que vão se manifestar, naturalmente, nas épocas de eleição, mas que não podem corroer a confiança do povo nas épocas da administração.

Quando o setor político, ao invés de se consagrar àquilo que é seu dever, que é cuidar do interesse do país e do povo, perde seu tempo em distanciamentos desnecessários ou em obstáculos de uns aos outros, que não têm razão de ser, o povo desanima, o povo perde a confiança. E a coisa pior que pode acontecer a uma nação é o povo perder a confiança, primeiro em si mesmo, e depois naqueles que o dirigem.

Nós estamos fazendo um esforço e sou reconhecido ao esforço do Governador do Acre no sentido de uma administração que não seja movida pelo ódio, de uma administração que seja movida pelo interesse, efetivamente, da população.

Erramos. Quem não erra? Muitas vezes, tomamos decisões que poderiam ter sido melhor tomadas. Muitas vezes, não tomamos decisões quando poderiam ter sido tomadas. Mas errar é humano. O que não é correto é persistir em atitudes que não levem à transformação para melhor da nossa sociedade.

Hoje, aqui, podem os Senhores e as Senhoras ter a certeza de que o esforço que está sendo materializado nesses convênios vai melhorar a vida dos acreanos. Um sonho antigo de todo acreano, de todo brasileiro que tem amor pelo Brasil, portanto pelo Acre, é a BR-364. O Ministro Padilha não tem poupado esforços, desde que assumiu o ministério, para realizar essa obra. Fizemos um convênio com as Forças Armadas, com o Exército, um convênio com o governo do estado. Vamos realizá-la.

Vamos fazer a BR-317, dentro dos limites que o Orçamento nos impõe. Sabemos a importância dessas obras. Eu me recordo de que, num dado momento, toda a bancada do Acre – e muitos aqui estão presentes – me foi ver, porque tinha havido uma interrupção na BR-364.

Como é normal, nesses momentos, acusavam-se uns e outros de terem sido responsáveis pela interrupção. Certamente, ninguém havia sido. O que tinha havido era um problema burocrático. O Acre todo se uniu porque queria a estrada. E é preciso entender que quando um

povo inteiro deseja alguma coisa, com a força com que o povo do Acre deseja essa estrada, é obrigação dos dirigentes tudo fazer para que essa obra possa ser realizada.

Vamos realizá-la. Quando descia do helicóptero, o Governador me chamava a atenção para este edifício, que é imponente, feito pela Infraero, pelo Comar, pelo Ministério da Aeronáutica. É um aeroporto de porte internacional, que custa mais de 70 milhões de dólares e que, certamente, poucas pessoas sabiam, sequer, no Brasil, que estava sendo construído. Melhor assim. Melhor que se faça no silêncio, mas que se faça.

Quando se chega e se vê este aeroporto, vê-se que um país que tem confiança em si pensa no futuro. Este aeroporto já é um símbolo do destino do Acre: um grande destino, um estado que se integra ao Brasil, mas que não quer ficar limitado ao Brasil, quer voar mais longe e precisa de um aeroporto como este. Parabéns aos que estão construindo este aeroporto. Espero que, muito brevemente, ele esteja já em funcionamento.

Vimos, aqui, muitos convênios. Alguns me chamaram, particularmente, a atenção. Se nós somarmos os recursos que foram destinados ao SUS, pela Fundação Nacional de Saúde, àqueles que são destinados às obras de saneamento, são cerca de 50 ou 60 milhões de reais. Esses recursos vão ser repartidos com os prefeitos. São recursos destinados a atender aquilo que é de mais importante, que é a saúde do povo. São recursos para uma administração que é compartilhada, que não é uma administração que se faz só no nível federal, é uma administração que depende dos prefeitos. Mas depende mais do que dos prefeitos. O SUS depende da comunidade. É uma administração que requer a organização de conselhos de saúde, em cada município, que requer a participação da sociedade.

Emocionou-me, também, ver, em Xapuri, algumas obras didáticas, nas quais se ensinam algumas línguas indígenas. Eu já havia visto isso em Iauaretê, mais acima, no Amazonas, na fronteira com a Colômbia, um posto remoto do Brasil, onde há um pelotão das Forças Armadas. Cheguei a Iauaretê e vi as criancinhas indígenas, população basicamen-

te indígena, cantando, às vezes em português, às vezes numa língua que é a deles, e que me é muito cara, em tucano. Cantavam em tucano. Pensei, primeiro, que fosse por causa do meu partido. Depois, vi que não, que era porque era a nação tucana que lá está, em Iauaretê.

Hoje, aqui, não sei quantos grupos indígenas há, cerca de 12. Vi os livros, lá em Xapuri, de ensinamento na língua de cada um desses grupos. Não são muitos países do mundo que fazem isso, países com muitas dificuldades, como o nosso, um estado pobre como o Acre, mas tratando de mostrar essa nossa peculiaridade, essa nossa singularidade. Temos que manter vivas as culturas indígenas, ao lado da nossa cultura brasileira. Elas fazem parte. Uma espécie de ênfase do nosso brasilianismo é a existência de alguns grupos culturais que são indígenas. Convivem no Brasil, são brasileiros e guardam a sua língua.

Hoje mesmo, em Iauaretê, não pude ver, mas perguntei, porque uma filha minha que se dedica à educação me disse que um grupo de moças, algumas das quais conheço, estava aqui, em Xapuri – são lá de Brasília ou do Rio ou de São Paulo –, para difundir os parâmetros curriculares, que é uma revolução na educação, um modo novo de fazer com que as crianças e os professores tenham um treinamento. Isso aqui, em Xapuri. Não pude encontrá-las. Não as reconheci, talvez, ou porque não fomos à cidade.

Vê-se, portanto, que existe, realmente, em toda parte no Brasil, hoje, uma ação, quase sempre discreta, do Governo Federal, e, sempre que possível, em cooperação aberta com os governos estaduais e com as prefeituras. Esse é o Brasil de que nós precisamos. Um Brasil efetivamente democrático que tenha confiança em si e que sabe que sem educação, sem saúde, sem acesso à terra, sem respeito ao meio ambiente não vai haver progresso que valha a pena. Mas sabe também que se não houver aeroporto, se não houver estrada, se não houver investimento, se não houver a possibilidade de emprego, tampouco haverá a possibilidade de uma vida mais digna para cada brasileiro.

Quero, portanto, agradecer – e agradeço, realmente, de todo o coração – a todos aqueles, que foram muitos, que se empenharam pela minha vinda ao Acre. A um Presidente da República nada é melhor do

que ver os seus conterrâneos e ver neles a confiança. Não a confiança no Governo, não a confiança no Presidente e nem no Governador, mas em si próprios.

Aqui, no Acre, ao escutar, hoje, em vários momentos, as manifestações reiteradas de que o Acre é brasileiro porque quis ser – quis ser –, sente-se o orgulho que vai no coração acreano de dizer: “Eu determinei meu destino. Estou com o Brasil porque quis estar com o Brasil.” Como Presidente do Brasil, agradeço aos acreanos por essa vontade que tiveram. E tenham certeza: enquanto eu for Presidente, o Acre terá de minha parte a consideração que ele merece. E se o Acre decidiu que queria ser brasileiro, quero lhes dizer que eu gostaria muito de ser, no futuro, visto como um presidente que não esqueceu do Acre, senão que levou consigo o Acre no coração e transformou esse sentimento em ações que vão melhorar a vida dos acreanos.

Muito obrigado.